



CAON, Paulina Maria. **Corpo e ensino de teatro em duas escolas públicas de Uberlândia – atravessamentos na observação em campo.** São Paulo: USP. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP; Doutorado; Orientadora: Maria Lucia de Souza Barros Pupo.

RESUMO

Na pesquisa “Corpo e Ensino de Teatro na Educação Básica – situações e tensões da contemporaneidade”, que está em seu segundo ano de realização, proponho-me à realização de uma etnografia de práticas docentes, no campo da rede pública de ensino de Uberlândia, focando a observação etnográfica nas condutas e representações sobre o corpo de docentes e estudantes envolvidos em processos de ensino-aprendizagem em teatro. No presente texto, gostaria de levantar reflexão que tem surgido no processo de observação de dois educadores em atuação em duas escolas diferentes da cidade. O foco de investigação – o corpo –, no contexto das observações em sala de aula escolar, tem sido constantemente atravessado pela minha experiência, também corporal, como docente e a parceria solidária que se articula com o educador observado no momento mesmo das observações. Essa percepção desvelada no *aqui-e-agora* da pesquisa em campo tem sido objeto de meus questionamentos no que se refere à prática docente e à prática de uma pesquisa etnográfica em teatro, que considero relevantes para serem socializados nessa ocasião.

PALAVRAS-CHAVE: corpo: ensino de teatro: etnografia de práticas docentes: pedagogia do teatro: antropologia do corpo.

ABSTRACT

In the research, "Body and Theatre Teaching in Basic Education - situations and tensions of the contemporary" that is in its second year of development, I intend to carry out an ethnography investigation on teaching practices in the public education fieldwork of Uberlândia, focusing the ethnographic observation on body's behavior and representations among teachers and students involved in teaching-learning processes of theater. In the present text, I would like to raise a discussion which has emerged while observing two teachers at work in two different schools of the city. The aim of the research - the body - in the context of the classroom's observations has been constantly traversed by my own experiences, which are also bodily, as a teacher and solidary partner who relates with the educator observed at the present moment of the observations. This perception unveiled in the heart of the fieldwork research has been object of my questionings concerning the teaching practice and the practice of ethnographic research on theater, which I consider relevant to be socialized at the time.

KEYWORDS: body: theatre education: ethnography of teaching practices: theater pedagogy: body anthropology.

Descrevendo cenários cotidianosⁱ

Primeiro fragmento de um diário de campo em processo. 16-04-2012, após o intervalo chega a turma do sexto ano que o professor diz estar com dificuldades. Cerca de 15 crianças compõem o grupo. A postura dele muda previamente. Cobra desde o início o silêncio. Até esse momento, vejo a turma de modo semelhante a anterior – agitada com a experiência nova apenas [do trabalho com teatro de sombras]. Até mais envolvida, engajada: mais pessoas fizeram a pesquisa pedida por ele, por exemplo. Muitos querem falar sobre isso e o tempo todo há conversas paralelas. Ele se incomoda muito e passo a me incomodar também. Por vezes, isso parece tirar meu foco da observação das interações corporais. Nos momento em que quer atenção, Getúlio usa outro timbre de voz, mais grave e mais intenso para falar com o grupo... [com o decorrer da pesquisa em campo, observo que ele muda de posição no espaço nessas situações também]... O processo fica difícil para mim: muito barulho, risadas, zombaria e ações da plateia. Alguns dos estudantes que estão na plateia têm um ímpeto corporal de copiar as ações dos que estão na sombra. Outros buscam “intervir”, de modo brincalhão ou malicioso, no corpo dos que estão em cena pela frente do pano em que a imagem se projeta – apontam o dedo na orelha, depois na bunda “da sombra”. Getúlio parece não perceber. Ele está atrás da tela, manipulando a fonte luminosa e para auxiliar/estimular o jogador que está em jogo também atrás do pano experimentando produzir a sombra. Ao mesmo tempo, alguns comentários da plateia que poderiam ser úteis do ponto de vista formal (mudança de dimensões corporais, distância em relação à fonte luminosa) são feitos e não são aproveitados durante o jogo.

Mesma turma. 07-05-2012. Estamos no anfiteatro. Na semana passada, os grupos assistiram a exibições em vídeo de grupos de teatro de sombra chinês antigo e grupos contemporâneos. O professor diz que colocará uma música para dar um clima diferente, como se fosse uma trilha sonora e propõe que um por vez experimente variações entre o grande e o pequeno após ter feito uma introdução dialogada sobre a investigação do teatro de sombras em processo. Também propõe que o jogador experimente isso por um tempo e que então entre outro jogador atrás do pano para brincar com ele. Ainda orienta: “Quem se move é a sombra, não é você. Precisa olhar a sombra para olhar o que está acontecendo.”.

O fascínio de alguns é ver o atrás da tela – o jogo revelado. Será que querem conferir se os dois jogadores se tocam na realidade e não apenas suas sombras? O grupo vai se dispersando pelo espaço do anfiteatro, que é muito maior do que a sala em que estiveram nas outras aulas. O professor está atrás da tela, como na outra ocasião e eu na plateia. De meu ponto de vista, ele não tem nenhuma reação, não propõe nada diante dessa dispersão que se generaliza. Qual será sua intenção? Uma parte da plateia se ressentida pela atitude do restante do grupo que está disperso, faz pequenos comentários, diz que não consegue ver o que está acontecendo. A plateia se desfaz completamente e parte para uma exploração (será?) pelo espaço. A mim ela parece dispersa, desordenada. Agora penso que talvez o professor esteja priorizando que todos pelo menos “passem” pela experiência de estar atrás do pano, apesar da “confusão” que parece se estabelecer. Finalmente, ele propõe que todos fiquem atrás do pano em roda. Busca conversar com o grupo sobre o funcionamento da fonte luminosa e os modos de se “entrar em cena” no caso da sombra. O grupo continua disperso. Mais tarde ele me diz ter percebido um problema técnico que atrapalhou o processo – excesso de luz no ambiente e fonte luminosa pouco potente.

14-05-2012. A atmosfera informal e horizontal que ele consegue proporcionar na interação com os estudantes da graduação da UFU (estagiários) e comigo me surpreende e me indaga: eu “deveria” estar mais “distanciada”?... Talvez, na semana que vem, eu pudesse me propor uma pauta do olhar a partir de alguns parâmetros levantados por Marina Marcondes Machado (2010), em *Merleau-Ponty e a Educação* ou das perguntas de Isabel Azevedo Marques, em *O Corpo e o Lúdico* (2009), buscando aproximar-me, sensibilizar meu olhar para os corpos de modo mais objetivo. (Hoje, na última turma, senti vontade de começar a fotografar os corpos da plateia e não apenas daqueles que estavam “em jogo”. Esse pode ser um avanço.).

Observar, estar no espaço, educar

Bakhtin... afirma que todas as visões são determinadas pelo posicionamento do sujeito no espaço e no tempo. Um indivíduo sempre vê o que está fora do campo de visão de um outro. Isso significa dizer que no campo de visão de um sujeito há sempre algo que não é possível ser alcançado por sua visão, devido à sua localização no espaço. Este espaço não preenchido pela visão do sujeito é o excedente de visão que só pode ser preenchido pela posição de um outro sujeito no espaço. Portanto, aquilo que é inacessível ao olhar de uma pessoa é preenchido pelo olhar de outra pessoa. Ao campo espacial adicionamos a perspectiva temporal, pois cada sujeito histórico habita uma determinada experiência temporal que também irá marcar profundamente o modo como percebe o presente, o passado e o futuro. Deste modo, Bakhtin sugere que cada um de nós prescinde e necessita irremediavelmente do outro, e que esta condição essencialmente alteritária do outro em relação a mim é fundamental para a experiência humana na sua plenitude, encaminhando uma compreensão cada vez mais aperfeiçoada da nossa cultura e de nós mesmos. (JOBIM E SOUZA & GAMBA JR., 2002, p.111/112).

A complexidade do tema da observação como ferramenta de pesquisa é o eixo do presente texto e se torna mais complexo quando o penso na interação com a capacidade humana de ver (o olhar) e com as áreas da Corporalidade e da Educação. Por muito tempo, o observador, o corpo do pesquisador que observa foi pouco abordado. Era tomado como uma espécie de “canal neutro”, portador do rigor e distanciamento para elaborar suas observações. O enraizamento desse “olho” num corpo inteiro, biológico, social, cultural trouxe questionamentos e alterações, que rastreio brevemente a seguir.

Jaccoud e Mayer (2008) lembram que a observação dos fenômenos seria o núcleo de todo procedimento científico e foi tomada como um critério de verificação dos fundamentos do conhecimento.

No trabalho etnográfico do antropólogo, a observação detalhada, quase obsessiva, é também a ação básica/fundamental do etnógrafo. Nas últimas décadas, diferentes antropólogos destacaram a impossibilidade de manter a dicotomia entre sujeito da observação e objeto de estudos, subvertendo essas categorizações. Isso gerou questionamentos e um processo de desconstrução da ideia de imparcialidade ou neutralidade na pesquisa científica e acadêmica, assim como uma reflexão sobre a natureza do texto etnográfico, que parece

estar no limite entre a descrição, a ficcionalização e a teorização (vide Geertz, 1998; MARCUS, 1991; SILVA, 1998).

Na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), desde o século passado, o autor questionava a separação sujeito-objeto, buscando descrever as experiências do *ser-no-mundo* como relação encarnada do ser humano, pautada em interpenetrações e co-habitações entre corpos, espaços, objetos.

No campo da Educação e das Artes, outras perspectivas sobre a observação e o olhar emergem. Ryngaert (2009), em suas práticas teatrais com jogadores de diferentes contextos, fala em uma pedagogia do olhar, buscando gerar atenção, olhares de diferentes pontos de vista em suas proposições de enquadramento do espaço, remetendo-nos ao que Bakhtin levanta na epígrafe dessa seção – a complementariedade e alteridade que os diferentes pontos de vista geram.

Jean-Claude Forquin (1982) fala sobre a educação artística também como a construção de uma “...*consciência exigente e ativa em relação ao meio ambiente, quer dizer, em relação ao panorama e à qualidade da vida cotidiana desses indivíduos.*” (p.25). O autor debate a automatização do olhar ou pragmatização dele na sociedade pós revolução industrial. Pontua, à semelhança de Larrosa, certo amortecimento da capacidade de ver, de demorar-se no olhar.

Na fricção entre esses campos, na busca desse olhar que se demora sobre a experiência e é atravessado por ela é que minha experiência em campo na pesquisa de doutorado manifesta suas problemáticas e pode adquirir outras significações. Ao observar um especialista na mesma área que eu, em um recorte de tempo delimitado dentro de um dia no espaço escolar, o contexto parece me relançar diferentes questões: de quem é a necessidade de “disciplinar”/conter os corpos no espaço para possibilitar a experiência teatral? É possível “observar” e ao mesmo tempo me envolver na fruição estética das improvisações experimentadas, na leitura dessas ações em sala junto do grupo?

Ainda que inconscientemente será que me propus a observar a corporalidade, os corpos em ação, em interação entre si e com os espaços como se fossem entidades separadas de minha própria corporalidade ou *embodiment*? Ainda que dialogando com a etnografia, com a fenomenologia, estaria eu iludida de que poderia observar “pelo buraco da fechadura”, sem ser atravessada pelos sentidos, pelas tensões, emoções que surgiriam cotidianamente?

Esse olhar/perceber situado (*embodied*) está completamente implicado – entrelaça-se à parceria possível (pela afinidade de práticas) e solidariedade entre o professor observado e a pesquisadora. No momento atual e para as dimensões do presente texto – uma breve reflexão – parece-me que o que se aponta é uma problematização e ampliação do conceito de observação em campo, seja em sua forma de observação direta ou participante. Nesse sentido, a horizontalidade das relações estabelecidas pelo professor “observado” (entre

ele e graduandos estagiários, entre ele e eu) e o modo como ele nos convida à “participação” no aqui-e-agora de suas aulas, podem ser pistas para o aprofundamento dessa discussão na continuidade da pesquisa em campo.

Referências bibliográficas

FORQUIN, Jean-Claude. A educação artística – para quê? In: PORCHER, Louis (org.). *Educação Artística: luxo ou necessidade?* SP: Summus, 1982, p.25-48.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. RJ: Editora LTC, 1989.

_____. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1998. Cap.1: Mistura de Gêneros: A Reconfiguração do Pensamento Social, p.33-56; Cap.3: “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico, p.85-107.

JACCOUD, Mylène & MAYER, Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean (org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. RJ: Vozes, 2008.

JOBIM E SOUZA, Solange & GAMBA Jr., Nilton. Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita. *Revista Brasileira de Educação*. (São Paulo), no.21, 2002, p. 104-114.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação* (Rio de Janeiro), 2002, n.19, p.20-28.

MACHADO, Marina Marcondes. *Merleau-Ponty e a Educação*. BH: Autêntica Editora, 2010.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia* (São Paulo), 1991, vol.34, p.197-221.

MARQUES, Isabel Azevedo. O Corpo e o Lúdico. Versão revisada do artigo publicado em: Bemvenuti, Alice (org.). *O Lúdico na Prática Pedagógica*. Curitiba: Ibpex, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Psicologia e Pedagogia da Criança*. SP: Martins Fontes, 2006.

_____. *Fenomenologia da Percepção*. SP: Martins Fontes, 1999.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, Representar*. SP: CosacNaif, 2009.

SILVA, Vagner Gonçalves. *O antropólogo e sua magia – trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as*

religiões afro-brasileiras. São Paulo: FFLCH-USP, 1998. Tese de Doutoramento em Antropologia Social.

ⁱ Os textos que compõem a presente seção foram retirados de meu diário de campo, entre as páginas 1 e 12. Por ser um trecho longo, optei por utilizar fonte 11 para diferenciar das citações de autores e de meu próprio texto na seção seguinte.